

Entre Sertório e César: as marcas do exército no sítio arqueológico de Cabeça de Vaiamonte (Monforte/ Portugal)

TERESA RITA PEREIRA¹ BOLSEIRA DE DOUTORAMENTO FCT/UNIARQ

Resumo: Cabeça de Vaiamonte apresenta-se como um sítio arqueológico emblemático no âmbito da conquista e romanização do Vale do Tejo. O extenso conjunto artefactual parece enquadrar-se na proposta de uma ocupação militar no 1.º quartel do século I a.C., provavelmente relacionável com o período das guerras sertorianas, encontrando notórias semelhanças com o acampamento de Cáceres el Viejo. Não obstante, uma nova análise parece revelar algum espólio, se bem que de expressão diminuta, atribuível a meados - 3.º quartel do século I a.C. e com o qual se poderia extrapolar uma continuidade ou acção esporádica militar/ “militarizada” deste local por altura das guerras entre César e Pompeu (cerca de 49-45 a.C.). Esta hipótese surge sustentada pela presença do capacete de tipo *Buggenum*, datado genericamente de meados do século I a.C., e que havia sido recolhido fortuitamente no sopé do cabeço. Se bem que este capacete foi recuperado em um contexto provavelmente ritual - junto a um curso de água, a verdade é que no contexto das escavações foram recuperadas duas ponteiros de capacete atribuíveis a esta mesma tipologia. Para além destes dados há ainda que considerar: a possível inscrição no projectil de funda associada à *Legio X Equestris* (61-45 a.C.), algumas fíbulas de tipo *Nauheim* de produção gálica entre 75 e 10 a.C., os dois asses de *Cneus Magnus Imperator* e outros dois asses de *Lépida/ Celsa* em cunhagem bilingue atribuída aos pompeianos.

Palavras-chave: século I a.C.; ocupação militarizada; armamento; guerras sertorianas; guerra civil cesariana.

Abstract: Cabeça de Vaiamonte is an emblematic archaeological site within the conquest and romanization of the Tagus Valley. The extensive artefactual set seems to fit in the proposal of a military occupation in the 1st quarter of the first century BC, probably related to the Sertorian Wars period, finding similarities with the notorious camp of Cáceres el Viejo. However, a new analysis seems to reveal some artifacts, though with a diminished expression, attributable to mid - 3rd quarter of the first century BC and with which one could extrapolate a continuity or sporadic military/ “militarized” action for this site, by the time of the war between Caesar and Sextus Pompey (about 49-45 BC). This hypothesis appears supported by the presence of the *Buggenum* type helmet, generally dated from the mid-first century BC, that had been randomly collected at the foothill. Although this helmet was recovered on a probable ritual context - next to a watercourse - , the truth is that two helmet knobs, attributable to this same type, were recovered during the excavations. In addition to these data there is to consider the possible inscription on the funda projectile associated with *Legio X equestris* (61-45 BC), some *Nauheim* type fibulae of Gallic production between 75 and 10 BC and the two coins of *Cneus Magnus Imperator* and another two bronze asses of *Lepida / Celsa*, a bilingual coinage attributed to the Pompeian.

1. O sítio arqueológico de Cabeça de Vaiamonte: novos dados, poucos esclarecimentos.

O sítio arqueológico de Cabeça de Vaiamonte, localizado no distrito de Portalegre, concelho de Monforte (Fig. 1), foi alvo de várias campanhas de escavações arqueológicas dirigidas por Manuel Heleno entre 1951 e 1964. O antigo povoado encontra-se num outeiro isolado que se destaca claramente na paisagem pela sua implantação a 393 metros de altitude, enquadrado pelas bacias do Sorraia/Tejo e do Caia/Guadiana. Apesar do vasto conjunto artefactual recuperado, os dados de leitura arqueográfica e estratigráfica do sítio apresentam-se de difícil extrapolação, uma vez que o registo efectuado pelos seus principais intervenientes – Manuel Heleno e João Lino da Silva, limita, em muito, a tentativa de relacionar os materiais e a realidade ocupacional deste espaço. Desconhece-se por isso com exactidão quais as zonas intervencionadas, que área abrangiam e se se terão cingido à encosta Sudeste do cabeço.

Apesar de todas estas dificuldades, e mesmo impossibilidades, a tese de doutoramento de Carlos Fabião (1998) permitiu conhecer o provável faseamento de ocupação do sítio, onde, um momento transitório, de efectiva romanização é notório com os dados que a cerâmica campaniense (incluindo as imitações regionais/ locais), os numismas, as fíbulas e a *militaria* transparecem.

Para além de todo o espólio recuperado ao longo daqueles anos de escavação, também os relatórios produzidos pelo encarregado João Lino da Silva se encontram depositados no Museu Nacional de Arqueologia. A sua leitura, apesar de não ser frutuosa no que diz respeito à ilustração de quaisquer mapas de localização das sondagens efectuadas, permitiu refutar alguns dos dados anteriormente avançados.

Um dos elementos que sustentava a teoria de que algumas das peças atribuídas a Cabeça de Vaiamonte pudessem de facto pertencer ao sítio arqueológico de Torre de Palma, que era escavado em simultâneo, residia no facto de alguns artefactos apresentarem numeração romana superior a XX, número este respeitante ao total de sondagens efectuadas no povoado (Fabião, 1998, p.171). Tal facto, colocaria de parte a hipótese de se tratar de peças provenientes das sondagens efectuadas em Cabeça de Vaiamonte, e remetê-las-ia para alguma das salas descritas para Torre de Palma, ou, segundo sugestão de Carlos Fabião (1998, p.165) para novas camadas identificadas. Não obstante, pude confirmar que esta numeração romana era atribuída pelo responsável das escavações aos artefactos que considerava mais relevantes. O responsável escolhia um conjunto de artefactos para cada um dos sítios intervencionados em simultâneo (Cabeça de Vaiamonte, Torre de Palma e Monte do Pombal), atribuía-lhes um número - escrevendo-o na própria peça com tinta permanente, e descrevia-os brevemente numa lista onde constam o número, o sítio arqueológico, o tipo de objecto, a matéria-prima e a profundidade estratigráfica do achado (Silva, s/ data). Assim sendo, e apesar de ter sido possível encontrar algumas destas peças que ainda conservam a tinta permanente, outras encontram-se por identificar. Tal como Carlos Fabião previra, existem alguns objectos que eram atribuídos a Torre de Palma que pertencerão a Cabeça de Vaiamonte, e o inverso também deverá ocorrer.

Outros dos mistérios atribuídos ao espólio numismático de Cabeça de Vaiamonte, diz respeito à atribuição da designação da “Tapada D. Maria Vinte e Um”. Segundo Carlos Fabião (1998, p.170) esta designação poderia dever-se à atribuição numérica das inúmeras tapadas localizadas naquele local. Não obstante, foi agora possível identificar a Sr.^a Maria Vinte e Um como uma das proprietárias de uma das tapadas intervencionadas, sendo que ao longo

do texto surgem ainda os nomes de outros proprietários (Silva, 1958).

Nos relatórios conhecidos, referentes aos trabalhos de campo efectuados entre 1952 e 1958, os artefactos metálicos representam um terço (33,4%) de todas as referências artefactuais, que englobam distintas categorias: “fibula” e “fragmento de fibula”, “moeda” e “moeda de prata”, “objecto” e “fragmento de ferro”, “objecto” e “fragmento de bronze”. Este artigo debruçar-se-á justamente sobre este conjunto e as leituras que o mesmo permite acerca das marcas da romanização naquele território.

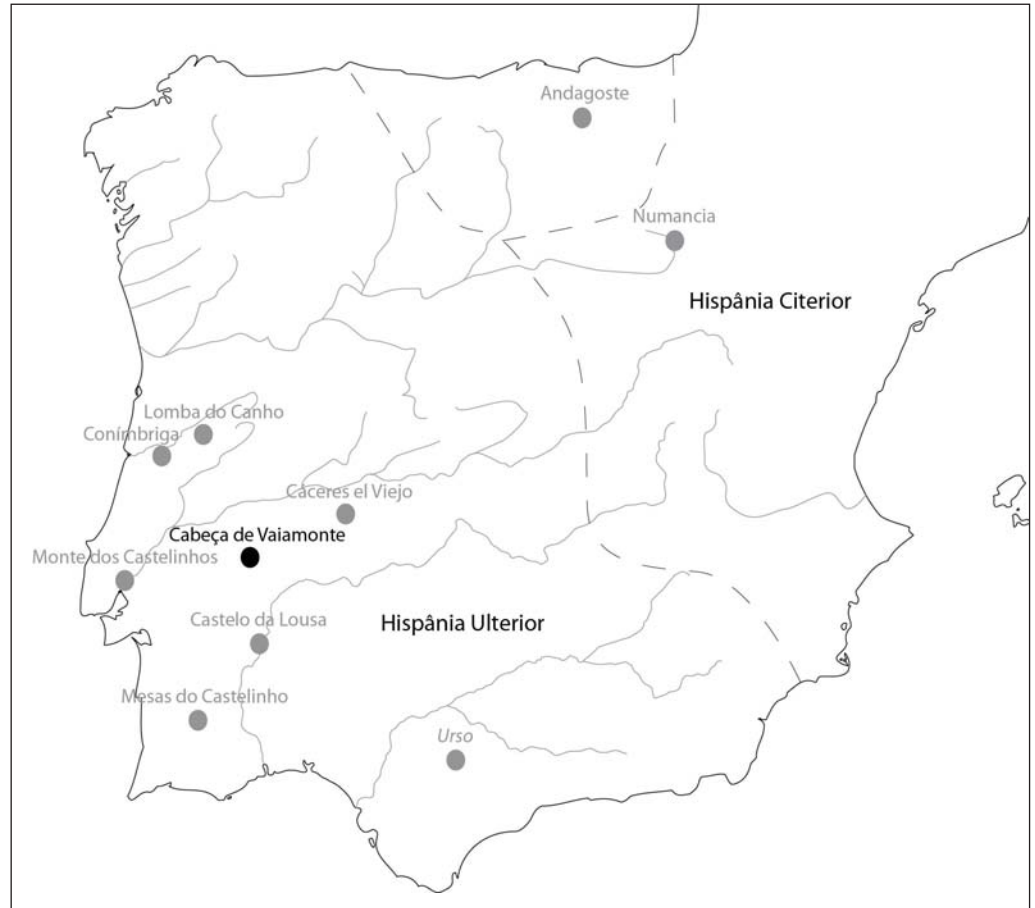


Figura 1
Mapa de localização
do sítio arqueológico
de Cabeça de
Vaiamonte.

2. As marcas da romanização espelhadas nos artefactos metálicos.

2.1. Militar: em cada sarcina...

A designação latina *militaria* engloba o conjunto de instrumentos relacionáveis com a função militar. No entanto, e ao longo da produção historiográfica, a interpretação *stricto sensu* inclui apenas o armamento, os elementos de arreo associados à cavalaria e os componentes de *cingulum* (Feugère, 2002, p. 75), tendo sido assumida uma clara distinção entre categorias. Cada uma delas assiste ainda a outras divisões, como é o caso do armamento que foi dividido pela sua função de ataque ou defesa - veja-se a título de exemplo, o trabalho monográfico de Fernando Quesada Sanz (1997a).

No entanto, e no que diz respeito a Cabeça de Vaiamonte, estas divisões são claramente insuficientes para o conjunto artefactual passível de relacionarmos com a ocupação militar/militarizada deste local. A divisão efectuada por Michel Feugère (2002, p.75) da *militaria*

de Hérault (França) entre armas, *cingulum* e arreios justifica-se pelo facto de tratar um conjunto de contextos civis, à semelhança do que acontece em Oedenburg (Suíça) onde o autor afirma que os objectos provenientes de contextos do povoado foram excluídos como *militaria*, ao contrário daqueles encontrados em acampamentos e que por isso foram integrados (Fort, 2009, p.255).

No caso de ocupações militares irrefutáveis, como os acampamentos, estes horizontes deverão ser alargados pela presença de outros elementos facilmente associados a um contexto sociocultural muito específico: a guerra. Isto porque, nestes casos em particular, tudo se resume a uma ocupação muito limitada em espaço e tempo, e com uma acção bélica muito específica: quer esta esteja activa, num cenário de batalha, ou adormecida, quando o efectivo militar se encontra apenas com funções de manutenção da paz e/ou criação/manutenção de infra-estruturas.

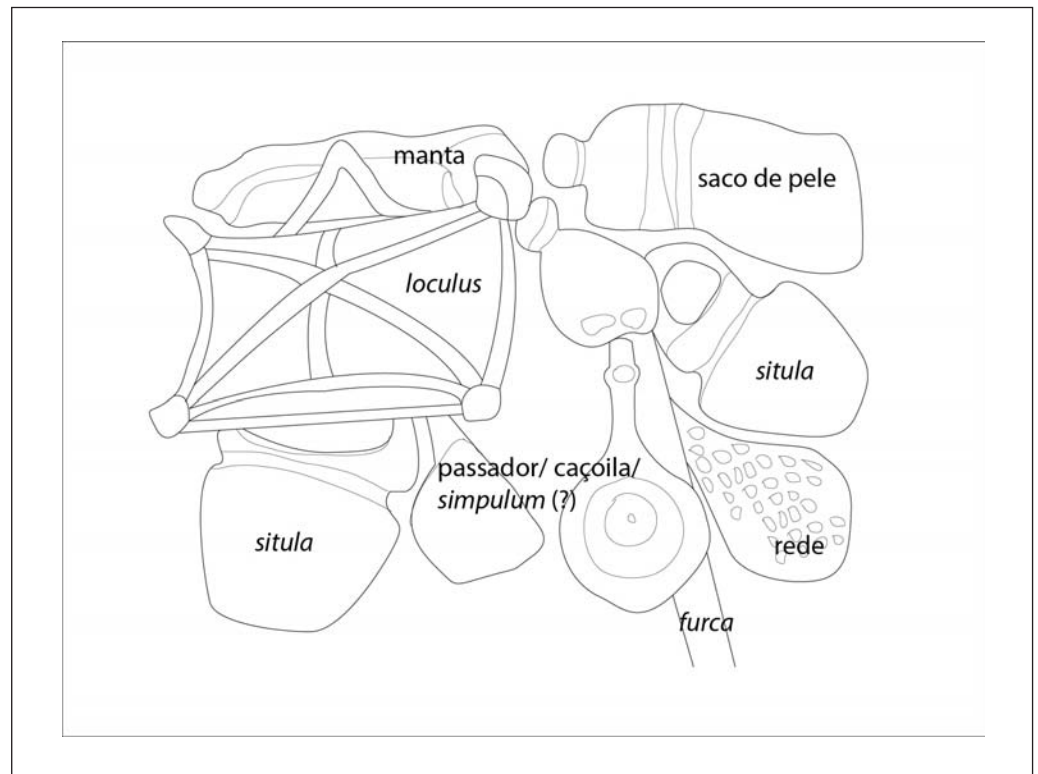
Veja-se a título de exemplo o caso das estacas de tenda utilizadas no acampamento de El Pedrosillo (Morillo, 2008, p.81 e 85, fig.9) que foram recuperadas *in situ*, com recurso a detector de metais, o que permite reproduzir a dimensão e localização exacta das tendas de campanha. Ou ainda o caso da dolabra que podemos classificar genericamente como utilitário agro-florestal mas que desde há muito sabemos estar fortemente relacionado com o trabalho da infantaria romana, chegando mesmo a ser referida nas fontes clássicas como uma “arma” que vence batalhas (Bishop & Coulston, 1993, p.104; Goldsworthy, 2003, p.135). Em qualquer um destes casos, estamos perante objectos que representariam papéis importantes no desempenho de um exército, integrando assim de forma irrefutável o equipamento militar.

Assim sendo, e uma vez que mesmo entre académicos ainda não existem critérios rígidos e específicos que nos indiquem o que deve integrar a definição de equipamento militar (Bishop & Coulston, 1993, p.13), no presente trabalho optámos por seguir as seis categorias de *militaria* adoptadas por Eckhard Deschler-Erb (1999, p.14) no estudo exaustivo dos artefactos metálicos provenientes de *Augusta Raurica*: armas ofensivas, armas defensivas, elementos de *cingulum*, arreios de cavalo, outros equipamentos e instrumentos musicais de sinalização.

A *militaria* representa assim uma importância irrefutável pois, juntamente com a cerâmica e os numismas, “os elementos metálicos típicos da panóplia militar romana são fundamentais para uma atribuição cultural.” (tradução livre de Morillo, 2008, p.85).

Muitos destes elementos seriam transportados pelos próprios legionários, uma vez que depois das “reformas marianas”, uma das formas de agilizar o avanço das tropas, efectuou-se pelo transporte individual de algum do equipamento militar (Connolly, 1998, p.215). Apesar de cada legião seguir com uma caravana de 500 a 550 mulas (uma por cada 10 legionários), a partir destas reformas cada homem deveria carregar todo o equipamento que conseguisse: armadura, armas e provisões para 15 dias (*Idem*, p.242). Para facilitar esta tarefa, cada homem carregaria o equipamento na sua *sarcina*, que era composta por um bastão cruzado de madeira (*furca*) onde, a julgar pelas ilustrações presentes na coluna de Trajano (Fig.2), se transportavam: um *loculus* - sacola pequena para bens pessoais; um saco de pano e um saco de rede – provavelmente para os bens perecíveis; uma *situla*, uma *paterna*; uma enxada, uma *dolabra*; e ainda uma manta.

Figura 2
Representação de
uma sarcina: desenho
da autora efectuado
a partir do detalhe
na Coluna de Trajano
presente no Victoria
and Albert Museum
de Londres ([http://
en.wikipedia.org/
wiki/File:Sarcina_
detail_002.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Sarcina_detail_002.jpg))



2.1.1. Armas defensivas.

Por entre o lote de armas recuperadas em Cabeça de Vaiamonte, as armas defensivas representam uma pequena amostra de apenas quatro exemplares: um capacete, duas ponteiros de capacete e fragmento de um escudo.

O exemplar mais completo, trata-se de um capacete de liga de cobre (Fig.3, n.º 1) de tipo *Buggenum*, caracterizado pela ausência de motivos decorativos e que se encontram datados da 2.ª metade do século I a.C., e que Michel Feugère geralmente associa a contextos cesarianos (*apud in* Quesada, 1997b, p.159). Encontra paralelo em outros exemplares peninsulares: Várzea de Aljezur, Mesas do Castelinho, Lacimurga, Alcaracejos e Piquete de la Atalaya (*Ibidem*). Este capacete havia sido recolhido fortuitamente num contexto deposicional secundário junto a um ponto de água denominado localmente por «Fonte da Moura» (Vasconcelos, 1929, p.184), juntamente com uma ponta de lança de ferro.

Este capacete encontra-se bem conservado, apresenta uma forma semiesférica, de bordo inferior espessado, guarda-nuca curto e plano, não conserva as guardas-laterais e, a ponteira de forma bitroncocónica parece tratar-se de uma peça independente, fundida ao capacete *a posteriori*, como parecem demonstrar os exemplares destacados como o de Mesas do Castelinho (Fabião, 1998, Fig.74, n.º3) ou os dois exemplares recuperados em Vaiamonte (Fig.3, n.º 2).

A sua deposição poderá ter-se revestido de um carácter intencional e ritual de “armas nas águas”, à semelhança do achado da Várzea da Misericórdia em Aljezur (*Idem*, p.151). Curioso será notar que cerca de 80% dos achados de capacetes em contextos do início da época imperial ocorrem em cenários idênticos (Bishop & Coulston, 1993, p.37). Acerca da ponta de lança, da qual conhecemos apenas o desenho publicado (Vasconcelos, 1929, p.184, fig.54), podemos caracterizá-la como uma ponta de lança de ferro cuja lâmina tipo «folha de loureiro» e respectivo alvado apresentam comprimentos semelhantes, e que

encontra paralelo no tipo B de Rouillard para as pontas de lança de *Urso* (Quesada, 2008, p.15, fig. 5B). A julgar pelos objectos que ali se depositaram, e partindo do pressuposto que pertenceriam a um único militar, poderíamos supor que se trataria de um auxiliar de infantaria.

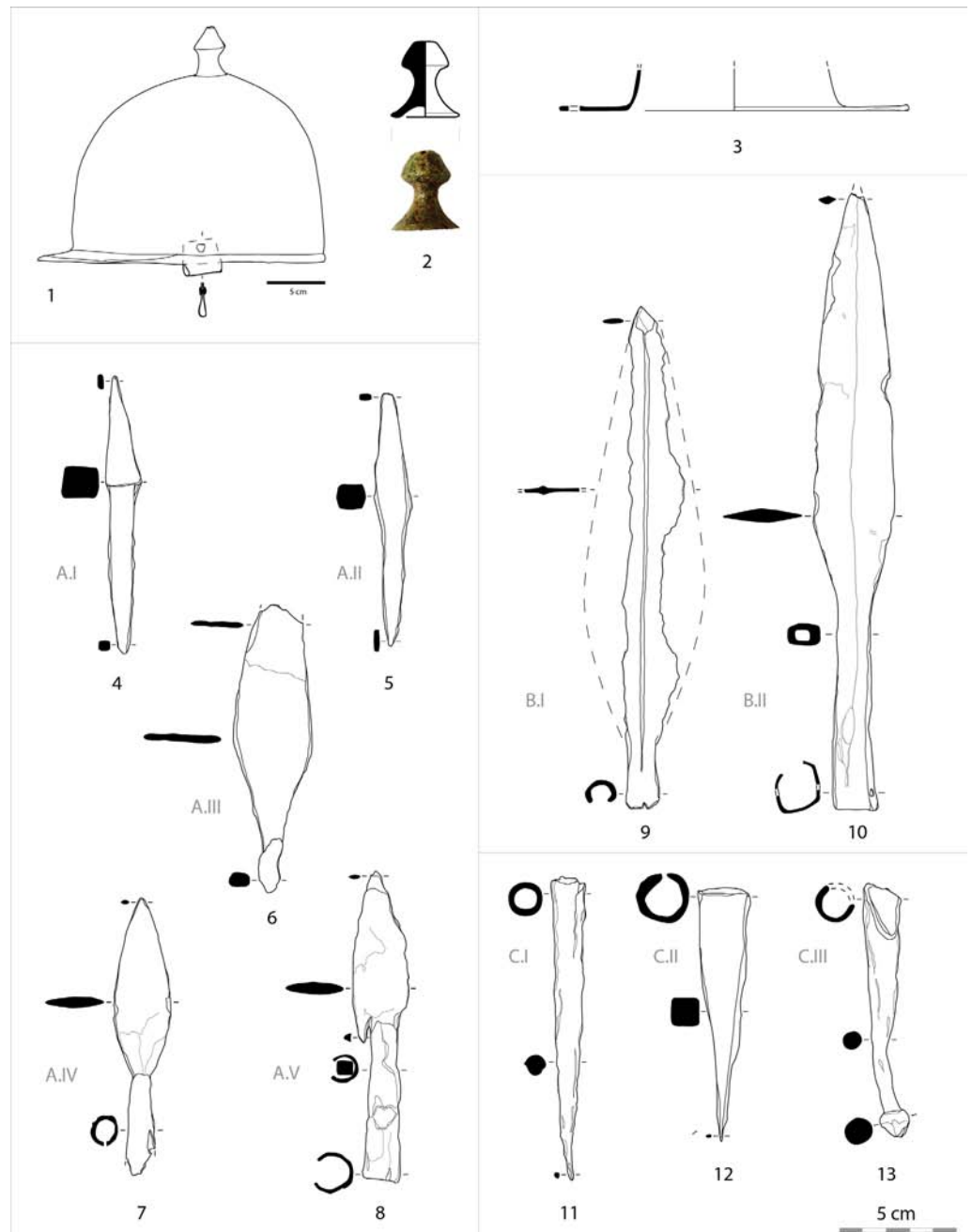


Figura 3
Armas defensivas:
capacete, ponteiros
e umbo circular
de escudo; armas
ofensivas hasteadas:
pontas de seta (A.I-V),
pontas (B.I-II) e contos
de lança (C.I-III).

De outro contexto surge um fragmento de ferro de um umbo circular de escudo com um diâmetro externo aproximado de 15 cm (Fig.3, n.º 3). Este umbo poderia pertencer tanto a um escudo circular pequeno, como a um escudo oval. Apresenta paralelos em Lomba do Canho (Fabião, 2007, p.124, fig.4), Monte dos Castelinhos (Pimenta, 2013a), Tossal de Sant Miquel (García Jiménez, 2011, p.1032, fig. 336, n.º 2041 do tipo I.1) e Numancia IV (*Idem*, p.1033, fig. 337, n.º 2055 do tipo I; Luik, 2010, p.65, Fig. I, n.º 6), sendo que estes últimos dois apresentam diâmetros ligeiramente superiores: entre os 15-20 cm. Este tipo

de umbo circular pequeno aplicado em escudo oval é considerado “tipicamente romano”, e é genericamente datado do século I a.C, tendo sido associado o seu aparecimento às guerras entre César e Pompeu (Quesada, 1997a, pp.539-540).

2.1.2. Armas ofensivas.

As armas ofensivas aqui consideradas, apresentam-se como um lote bastante numeroso e diversificado de 128 fragmentos que corresponderão necessário a um número mínimo de exemplares. Este lote comporta as armas de haste, a falcata, as espadas e punhais, os projecteis de funda e ainda os elementos de arco como as pontas de seta.

Apesar de sabermos que após a reforma mariana ocorrida em 107 a.C. os arqueiros (*hastati*) foram destituídos das funções, a verdade é que esta arma continuaria a ser utilizada pelas tropas de infantaria ligeira. Assim o comprovam os 13 exemplares de pontas de seta (tipo A) aqui recuperados que apontam claramente para uma cronologia de período romano-republicano. Estas armas formam cinco tipos distintos: cinco exemplares de tipo A.I (Fig.3, n.º 4), que caracterizam-se pela lâmina piramidal maciça claramente destacada da zona de encabamento por espigão; quatro exemplares do tipo A.II (Fig.3, n.º 5) formado por uma haste com espessamento central e comprimento variável entre 8 e 16 cm, cujas extremidades se encontram aguçadas: quer a proximal que seria encabada, quer a distal que actuará como perfurante; dois exemplares do tipo A.III (Fig.3, n.º 6) de lâmina plana e leve que não deveria obter grande qualidade perfurante; e apenas um exemplar do tipo A.IV (Fig.3, n.º 7) - lâmina de secção lenticular e alvado, e do tipo A.V (Fig.3, n.º 8) - semelhante ao último tipo mas com barbela lateral.

Todo o conjunto encontra uma baliza cronológica entre a 2.ª metade do século II a.C. e o século I a.C. (Pereira, no prelo) e notáveis paralelismos com os conjuntos de Castelo da Lousa (Ruivo, 2010, p.514; Galamba, 2008, p.24), Conímbriga (Alarcão & alii, 1979, Pl.XVIII e XIX) e Urso (Quesada, 2008, 15-16).

As pontas de lança classificáveis (B) surgem igualmente de dois tipos: o de lâmina com nervura central circular ou em diamante, mais ou menos destacada (B.I) e o de lâmina em forma de folha de loureiro de secção lenticular ou em diamante (B.II). As quatro pontas de lança de tipo B.I (Fig.3, n.º 9) conservam características pré-romanas quer pela sua dimensão, quer pela aresta central que conserva e que virá a ser menos pronunciada. O tipo B.II (Fig.3, n.º 10), representado por 13 exemplares, transpõe já uma preferência claramente romana: a lâmina leve de secção lenticular ou em diamante. Estas pontas de lança são muito comuns em contextos do século I a.C. como Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984, Tafel 24, n.º 181-183), *Urso* (Quesada, 2008, p.15, fig.5B), Numancia e Alesia onde surgem em contextos cesarianos (Ulbert, 1984, p.105).

São exactamente os contos de lança que se afiguram como o maior conjunto dentro do armamento de Cabeça de Vaiamonte, com um total de 37 exemplares. Com base no comprimento, no diâmetro do alvado e na secção maciça do conto foi possível efectuar uma tentativa de diferenciação tipológica. Desta tentativa resultam três tipos diferenciados: os tipos C.I (Fig.3, n.º 11) e C.II (Fig.3, n.º 12) caracterizados respectivamente pelos perfis cónico ou piramidal, secções circulares ou quadrangulares totalizam 35 exemplares. O tipo C.III (Fig.3, n.º 13), com dois exemplares, destaca-se pelo seu formato cónico com botão terminal e alvado estreito, típico de contextos tardo-republicanos e dos inícios do principado de Augusto (Bishop & Coulston, 1993, p.68, fig.35, n.º 17 e 18; Rost & Wilbers-Rost, 2010, p.125, fig.8, n.º 15).

Será uma provável evolução destes contos de lança que origina pontas de dardo ligeiras, como é o caso dos dois exemplares do nosso tipo D.I (Fig.4, n.º 14), em tudo semelhante ao conto, excepto na secção em diamante bastante mais efectiva na perfuração do alvo, semelhante aos dardos de *balista* e muito típico de contextos do século II e I a.C. (Quesada, 2008, p.14). O tipo D.II (Fig.4, n.º 15) é caracterizado por uma ponta de dardo muito espessa e pesada, em tudo semelhante às pontas de *pilum*, somente distinguível pelo remate em pequeno espigão que seria colocado na haste do projectil. Encontra paralelo em Monte dos Castelinhos onde surge num contexto de destruição datado entre 50 e 40 a.C. (Pimenta e Mendes, no prelo; Pimenta, 2013, p.78, n.º57).

O tipo de dardo D.III (Fig.4, n.º16-19) é genericamente designado por “dardo incendiário”, trata-se de uma arma de ferro construída com um propósito específico: ser lançada com material em combustão. Em *Urso* foram recolhidos 83 exemplares, sendo que alguns destes ainda conservavam restos de tecido a envolver a ponta e muitos deles se apresentavam queimados (Quesada, 2008, p.16). Para além de *Urso*, onde estão relacionados com os ataques cesarianos à muralha, este subtipo de dardo incendiário encontra paralelo no Castelo da Lousa (Galamba, 2008, p.24, ME8936) e em Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984, Tafel 37, n.º 376 e 377). O estado de conservação e a difícil distinção entre este último tipo de dardo incendiário e uma simples haste indeterminada de ferro faz com que as referências a este tipo de arma sejam muito escassas, ou que em alguns casos sejam publicadas como pontas de seta (no caso do Castelo da Lousa) ou como grampos (em Cáceres el Viejo). Um destes exemplares (Fig.4, n.º19) poderá tratar-se de uma ponta e encaixe de ferro para um arco composto ou mesmo de um qualquer equipamento de artilharia de torção.

Em Cabeça de Vaiamonte foram ainda identificados cinco fragmentos de extremidades proximais e hastes de *pilum* de aba, aqui designado por E.I (Fig.4, n.º20). Foram ainda identificados quatro fragmentos de pontas de *pilum* que não podemos precisar se pertencem ao tipo mais ligeiro ou mais pesado, de aba: três deles, integráveis na forma E.1 (Fig.4, n.º21) apresentam extremidades piramidais, apesar de terem diferentes secções de haste, sendo uma circular e outra rectangular; e um outro exemplar de tipo E.2 (Fig.4, n.º22) apresenta extremidade cónica e haste mais fina de secção quadrangular.

Para além destas armas hasteadas, foi ainda recuperado um conjunto de cinco *glans plumbeae* (Fig. 4, n.º23-27) afigura-se interessante, nomeadamente pela presença de dois exemplares decorados: um deles apresenta aquilo que parece ser um *phallus* em baixo-relevo (Fig. 4, n.º23), já conhecido em contexto itálico – Perugia, onde se encontra datado cerca de 40 a.C. (Keppie, 1998, p.109, fig. 36, n.º 11); e o outro apresenta uma cartela quadrangular, centrada na peça, com um “X” em baixo-relevo (Fig. 4, n.º24). No conjunto de projecteis de funda recuperados no Cerro de las Balas conhece-se um exemplar semelhante com cartela subquadrangular centrada com “LXIII” em baixo-relevo (Pina Polo & Zanier, 2006, fig.2, n.º 14) a que se atribui a *Legio XIII*, fundada em 57 a.C. por Júlio César. Podemos assim, e de forma cautelosa, avançar com a proposta de este «X» inscrito ser referente à *Legio X Equestris*, também fundada por César em 62 a.C. A título de exemplo, afigura-se interessante a comparação do “X” produzido nesta *glans*, e aquele que surge nos denários de Marco António, em cujo anverso se alude à *Legio X*.

Todos os projecteis de funda de Cabeça de Vaiamonte apresentam uma forma oliviforme e foram produzidos em molde bivalve, apresentando em todos os casos as marcas transversais da junção das duas metades - como no caso dos exemplares de Mértola (Guerra, 1987, p.166, 175, fig.2, 1), tendo sido por esse motivo que todos foram integrados no tipo F.I. O

peso médio deste conjunto é de 64 gr, muito semelhante à média do conjunto do Castelo da Lousa com 60 gr e próximo da média de 56 gr de Mértola (*Idem*, p.170, quadro 2).

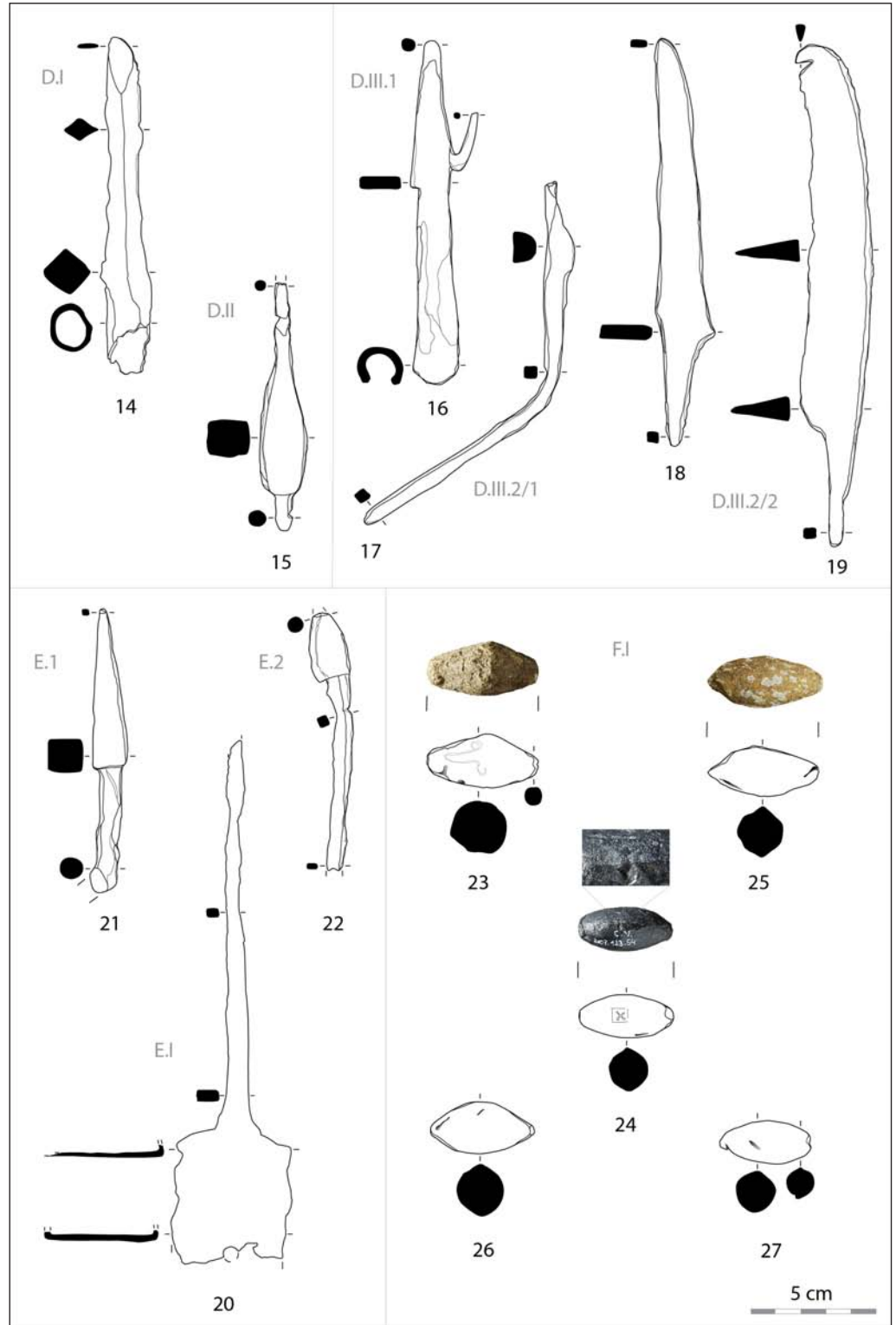


Figura 4
Armas ofensivas
hasteadas: pontas de
dardo (D.I-II), dardos
incendiários (D.III),
pila (E.) e projéteis de
funda (F.).

Os punhais bidiscoidais (G.) apresentam-se como um dos grupos melhor representado, com um total de 10 fragmentos (quatro de empunhadura, cinco de lâmina e um de talão). De acordo com a tipologia apresentada por Eduardo Kavanagh de Prado (2008), a maioria do nosso conjunto (Fig.5, n.º28-32) oferece uma datação entre os séculos II e I a.C., à exceção de dois fragmentos de empunhaduras globulares de ferro (tipo G.I), um dos quais decorado com prováveis damasquinados de prata e/ou ouro, e que deverão situar-se entre os séculos III e II a.C.

A associação do punhal bidiscoidal à falcata, arma ibérica por excelência, surge em alguns contextos das guerras sertorianas como em Cáceres el Viejo (Ullbert, 1984, Tafel 25, 195-199, 201) ou La Caridad (Quesada, 1997, p.82). Tal como observado por María Paz García-Gelabert (2002, p.508), as armas ibéricas e celtibéricas surgem representadas na plástica não só na época de esplendor ibérica, mas também na romanização. Nos relevos de Osuna vêm-se soldados, infantes, provavelmente auxilia a empunharem a falcata e pelas descrições de Séneca sabemos que esta continua a ser utilizada pelo menos até meados do século I a.C. (Quesada, 2008, p.18). Em Cabeça de Vaiamonte foi possível identificar um fragmento de guarda-de-mão lateral de uma falcata (Fig. 5, n.º33) que aqui designaremos de tipo H. Trata-se de uma placa de ferro curva de perfil em «L» com dois orifícios para rebites circulares em que uma das extremidades conservadas apresenta um aplique decorativo/agarrador de secção ovalada oca que rodeia a guarda. No espaço oco entre estes elementos é visível a existência de vestígios de material perecível (madeira ou material osteológico). A ausência de contexto estratigráfico não auxilia a correcta interpretação cronológica, no entanto, e tendo por base os mapas de dispersão dos achados de falcatas em território peninsular (Quesada, 1997, pp.77-78, fig. 16-17) podemos aferir que é mais provável que este se trate de um exemplar mais tardio, enquadrável entre 250 e 50 a.C. como os exemplares recuperados em Castrejon de Capote ou Cáceres el Viejo (*Idem*, p.82).

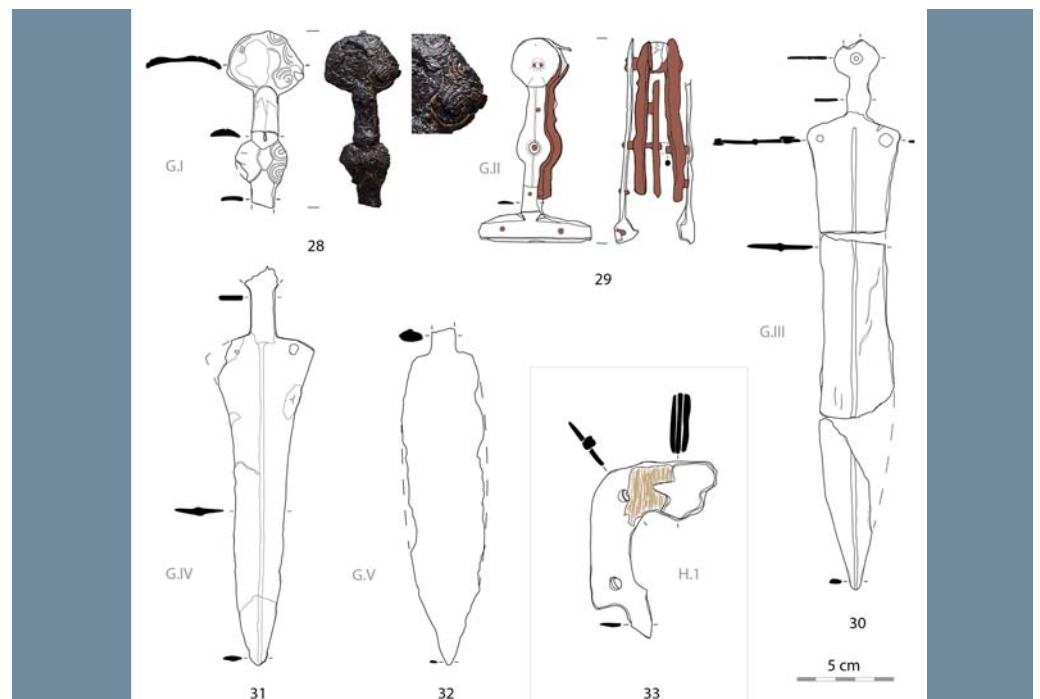


Figura 5
Armas ofensivas:
punhais bidiscoidais
(G.I-V) e falcata (H.1).

2.1.3. Elementos de *cingulum/ balteus*.

Apesar de não ser nosso objectivo contribuir para a discussão acerca da designação deste elemento, achamos conveniente apresentar as duas designações adoptadas para o mesmo objecto utilizado maioritariamente (senão mesmo exclusivamente) por militares: o *cingulum* ou *balteus*. Segundo as fontes clássicas, a designação *cingulum militare* surge apenas a partir do século III d.C., sendo que ao longo dos séculos I e II d.C. existem fontes que referem os cintos militares como *balteus* – pl. *baltei* (Bishop & Coulston, 1993, p.96).

Uma das principais funções deste objecto é o da sujeição e suspensão dos punhais. Em Cabeça de Vaiamonte foram recuperados alguns elementos decorativos volutados que teriam esta função de suspensão (Fabião, 1998, fig.88, n.º3; Fig.6, n.º34) – paralelo em Velsen (Bishop & Coulston, 1993, p.76, fig. 40, n.º 2c), bem como vários fragmentos de bainhas de liga de cobre que correspondem aos modelos ditos «celtíbericos» de “*vaina de cañas*” (Kavanagh de Prado, p.61, fig.17).

O *cingulum/ balteus* tipicamente romano era composto por várias placas de feição quadrangular (Fig.6, n.º35), rebitadas nos quatro cantos para sujeição ao cinto de couro, e que culminariam numa última placa-fivela (Fig.6, n.º36). Este último elemento apresenta um paralelo idêntico no acampamento de Castillejo (Bishop & Coulston, 1993, p.62, fig.31, n.º1), que provavelmente se encontra datado do período republicano entre as guerras sertorianas e cantábricas (Peralta Labrador & *alli*, 2011, pp.162-163).

Foram ainda recuperados outros fusilhões de fechos de cinturão (Fig.6, n.º37 e 38) de tipo *Aislingen*, caracterizados pelos seus três braços (um deles com a forma característica de flor-de-lis) e que se encontram genericamente datados de finais do século I a.C. - século I d.C. (Deschler-Erb, 1999, p.42, tafel 17, n.º 298-310; Fort, 2009, n.º 101, pl. 7.6; Bishop & Coulston, 1993, pp.96-98, fig.59, n.º8 e 19) com um paralelo em Conímbriga (Alarcão & *alli*, 1979, pl.LIII, n.º296).

Ainda sem uma utilização específica atribuída, surgem dois pequenos elementos que poderão estar relacionados com a decoração de elementos de couro quer no *cingulum/ balteus*, quer nos arreios: um aplique circular rebitado e um botão de anel. O aplique circular (Fig.6, n.º39) encontra paralelo em Las Rabas (Fernández Vega & *alli*, 2012, p.238-239, Fig.12, n.º29), povoado sidérico que assiste a um abandono em torno de 29 a.C. com o início das guerras cantábricas (*Ibidem*, p.232). Já o botão de anel circular (Fig.6, n.º40) encontra paralelo em Conímbriga (Alarcão & *alli*, 1979, pl.XXI, n.º85) e La Ribera/ Herrera de Pisuerga (Fernández Ibañez, 2005, p.194, n.º31, Fig.2.5) sendo que o autor os considera elementos fundamentais de identificação de estabelecimentos militares alto-imperiais (*Ibidem*, p.197), apesar de estas cronologias tardias terem sido questionadas aquando da publicação do exemplar proveniente do Castelo da Lousa (Ruivo, 2010, p.500, n.º81).

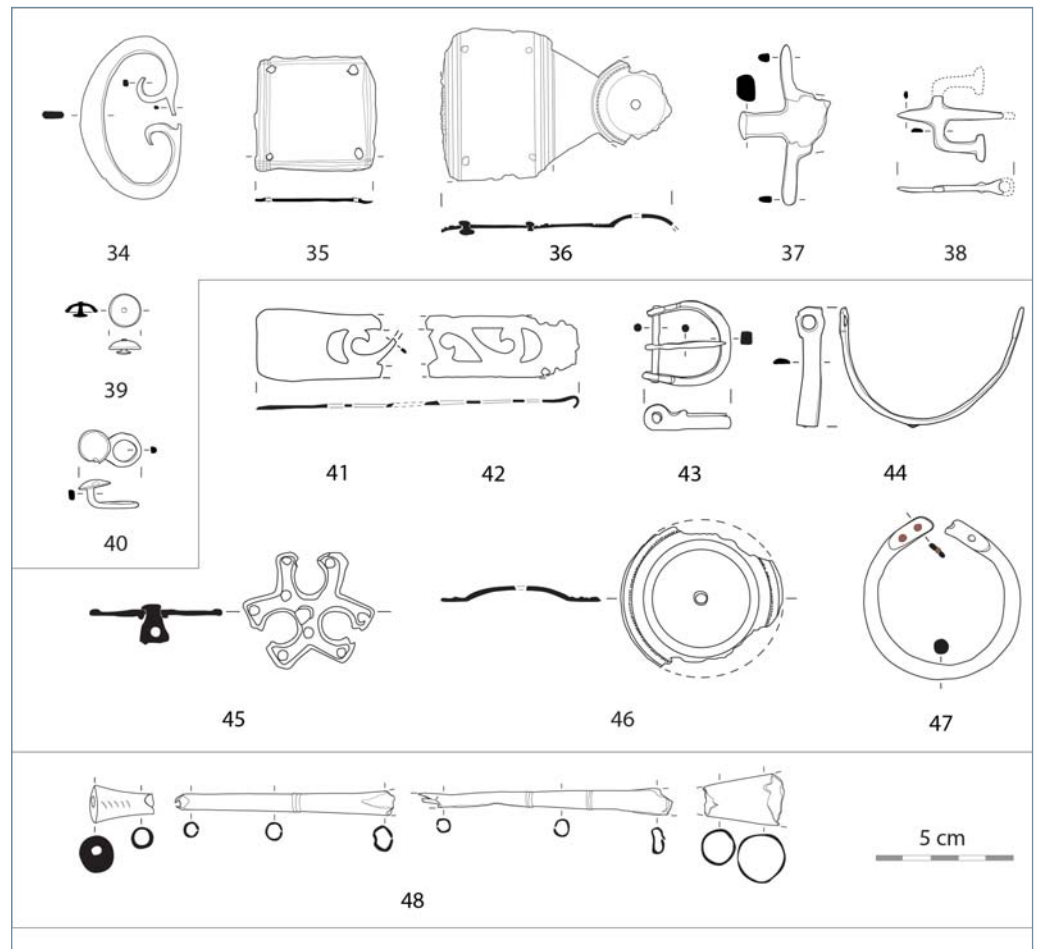


Figura 6
Equipamento militar:
elementos de
cingulum/ balteus,
de arreio de cavalo e
instrumento musical
de sinalização.

2.1.4. Arreios.

Por entre o espólio recuperado em Cabeça de Vaiamonte encontram-se inúmeros fragmentos de arreios de cavalo, como por exemplo: guias laterais, bridões, agrafos, junções, arganéis, fivelas, *phalerae* e esporas.

Um dos elementos mais frequentes é justamente o das fivelas de arreio (Fig.6, n.º43), que muitas vezes foram confundidas com fivelas de *cingulum/ balteus*, mas que pelas suas diminutas dimensões não deverão suscitar dúvidas na sua correcta atribuição funcional (Feugère 2002, p.63). Exemplares idênticos foram recuperados em Cáceres el Viejo, Herrera de Pisuerga, Conímbriga e Castelo da Lousa (Ruivo, 2010, p.500, n.º80).

Parece ser possível relacionar com esta fivela de arreio, dois fragmentos que deverão pertencer a uma presilha de arreio (Fig.6, n.º41-42) com decoração excisa, também ela com um paralelo funcional em Castelo da Lousa (*Idem*, p.501, n.º82).

Foram ainda recuperadas algumas esporas de liga de cobre, tanto de criação peninsular – grupo 2 de Quesada (2005, p.131), como outros exemplares típicos de contextos tardo-republicanos – grupo 4, 5 e 6 de Quesada (2005, p.133). Um desses exemplares (Fig.6, n.º44), enquadra-se no tipo 4 de Quesada (*Ibidem*) e caracteriza-se pela corpo de liga de cobre de secção semi-circular com extremidades de feição rectangular, recortadas e com olhais circulares, e pela pua de ferro fragmentada.

Os apliques de arreio são outro dos elementos metálicos frequentes no conjunto de Vaiamonte, sendo que um deles (Fabião, 1998, Fig.88, n.º4; Fig.6, n.º45), frequentemente associado à presença militar romana, encontra paralelos idênticos em Castrejón de Capote,

Castelo Velho de Veiros, Cáceres el Viejo (*Idem*, p.201). Esta presença surge igualmente espelhada em algumas *phalerae* recuperadas (Fabião, 1998, Fig.88, n.º8; Fig.6, n.º46). Relacionado com o arreio do cavalo, surgem ainda diversos arganéis de liga de cobre, um dos quais enquadrável no tipo 1 de Garcés Estallo, datado genericamente - e quiçá pela falta de elementos identificados, entre finais do século VII e o II a.n.e (Garcés Estallo, 2007, p.75), que por enquanto se vem juntar apenas ao exemplar (de tipo 2) de Monte Molião (Arruda & Pereira, 2010, p.12).

2.1.5. Outros equipamentos.

Dentro deste grande conjunto que engloba a militar, enquadram-se ainda uma série de instrumentos utilitários agro-florestais que, e à excepção da *dolabra* fortemente associada à infantaria romana, poderão revestir-se tanto de um carácter civil como militar. Não obstante, apresenta-se aqui um exemplar de uma *dolabra* (Fig.7, n.º 49), espécie de alvião composto por lâmina de machado e outra de pico, e de um machado com alvado (Fig.7, n.º 50) que deveriam compor parte dos utensílios transportados pelo exército, que facilitariam o trabalho florestal em que se veriam envolvidos aquando da sua deslocação e para acantonamento de tropas. Encontra paralelo idêntico no acampamento romano do Alto dos Cacos (Pimenta & *alli.*, 2012, pp.72-73, n.º82).

Outros elementos bem conhecidos em contextos militares/ “militarizados” romano-republicanos são as estacas de ferro associadas às tendas de campanha, veja-se os casos de Lomba do Canho (Fabião 2007: 124, fig.4), Castelo da Lousa (Ruivo 2010: 515, Est. CLXVI, n.º 106), Numancia e Cáceres el Viejo (Bishop 1993: 63, fig.32, n.º 5-9). No caso de Cabeça de Vaiamonte foram identificadas 96 estacas de forma bastante variada (tipo A-F): tanto nas secções de haste e terminal como na forma do olhal (Fig. 7, n.º 51-56). Para além das estacas, também as algemas (*manicae*)/ grilhões, são elementos relacionáveis com a acção militar. Admitindo que algumas peças poderão ter servido como grilhões para gado, a verdade é que estes objectos são comuns em contextos romanos e em Renieblas a sua função é mesmo associada aos prisioneiros de guerra (Luik, 2002, p.103). Em Cabeça de Vaiamonte onde foram recuperados cinco fragmentos de algemas/ grilhões e 14 fragmentos de correntes de ferro.

No caso das algemas/ grilhões propriamente ditos podemos distinguir dois tipos distintos: o de argola móvel com dois braços sujeitos por rebite com corrente associada (tipo I; Fig.7, n.º57) e o de argola fixa com olhais nas extremidades com cadeado associado (tipo II; Fig.7, n.º 58). Entre os romanos estes objectos não estão somente relacionados com a escravatura pois também foram usados como método disciplinador. O tipo J.I é relativamente comum em contextos romanos peninsulares, com dois exemplares identificados em Numancia IV/ Renieblas (Luik, 2002, p.237, Abb.202, n.º 312-313), onde poderão datar de finais do século II- inícios do I a.C.; um fragmento em Conímbriga (Alarcão & *alli.*, 1979, Pl. XLVII, 175) e outro possível exemplar em Monte Molião (Sousa et al. 2012: no prelo) possivelmente datado do último quartel do século II a.C. O tipo J.II surge não só em contextos romanos, como Monte dos Castelinhos (Pimenta, 2013, p.78, n.º65), como também em alguns espaços com influência de *La Tène*, como Bibracte, onde dá origem a um tipo específico galo-romano (tipo Bavay). Também surge em contextos mais tardios (século I-III d.C.) na Bretanha (Thompson, 1993, p.117) e na Germânia, com o exemplar do depósito de Neupotz.

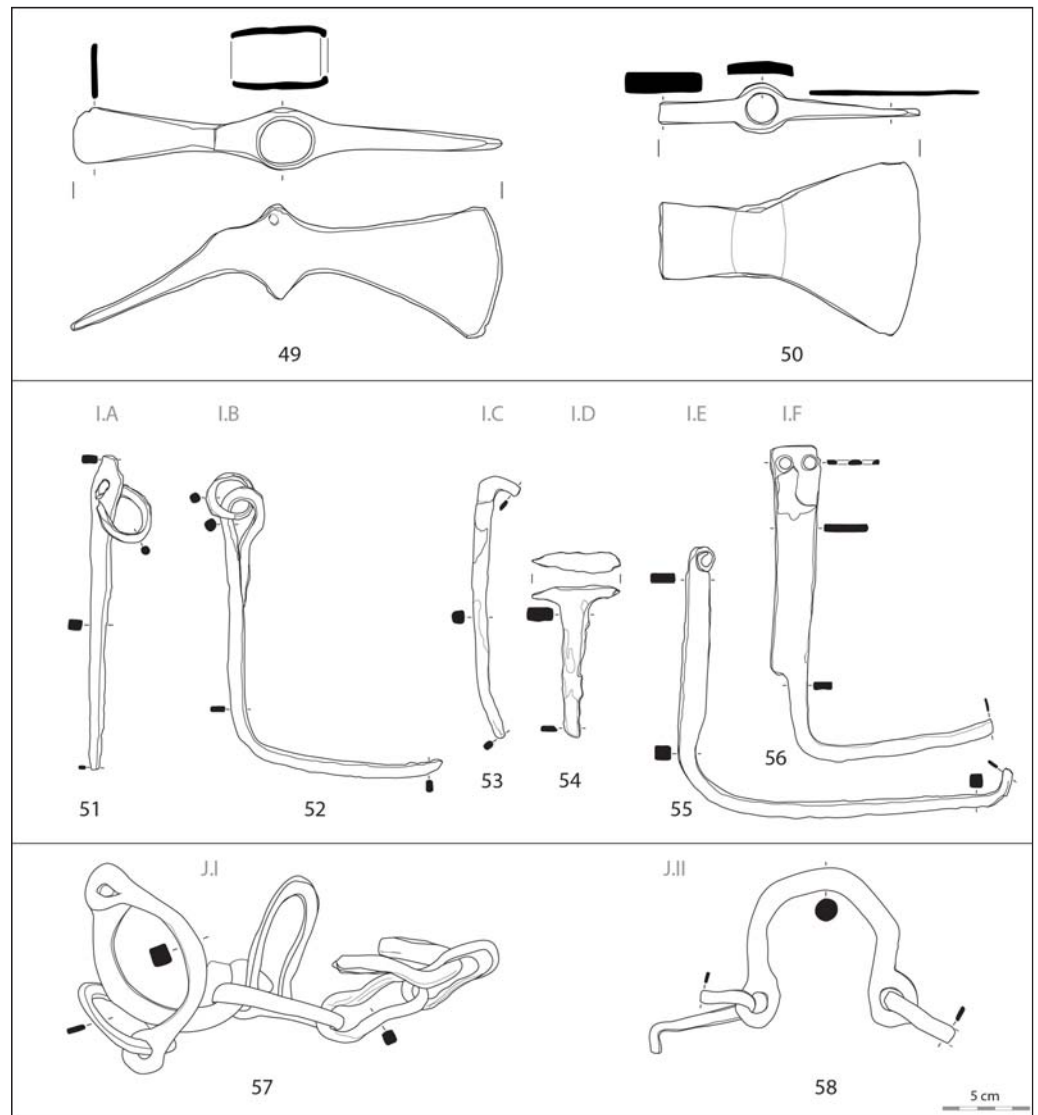


Figura 7
Equipamento militar:
dolabra e machado;
estacas (I.A-F) e
algemas/ grilhões
(J.I-II).

2.1.6. Instrumentos musicais de sinalização.

Destaca-se pela sua singularidade quatro fragmentos de possível instrumento musical de sopro (Fig.6, n.º48), cujo contributo para a discussão acerca da sua correcta designação explanarei adiante. Apesar da reconstituição aqui apresentada, estes fragmentos de liga de cobre poderão pertencer a mais do que um instrumento: dois deles referentes ao corpo da peça, um de embocadura e um outro que poderá pertencer ao início da flexão externa da campânula.

A identificação como possível instrumento musical de sopro foi efectuada com base no exemplar de Prés-Bas (*villa* galo-romana) publicado por Michel Feugère (2002, p.97, Fig.12, n.º 70), bem como em alguns exemplares publicados por Mary Angela Wardle (1991) no seu levantamento iconográfico e de instrumentos musicais romanos presentes nas colecções de alguns museus.

Michel Feugère descreve o seu exemplar como pertencendo a um *lituus* ou *cornu* e caracteriza-o pela sua embocadura fundida, profusamente decorada, que foi introduzida no corpo do instrumento de forma tubular, de secção oca circular e aberta, dado tratar-se de uma placa enrolada sobre si mesma de forma ligeiramente troncocónica.

No caso dos fragmentos que aqui apresentamos, devido ao seu estado de conservação e à sua dimensão diminuta, os mesmos deverão ser considerados fragmentos de *tuba* ou *cornu*. Isto porque, e segundo o Prof. Dr. Roberto Meucci, a quem agradeço a opinião expressa, a atribuição da designação *lituus* deverá ser empregue somente nos exemplares etruscos e o termo *buccina* refere-se a uma corneta curvada e produzida quer em concha, quer em chifres de boi (Meucci, 1989). Quanto à distinção entre *tuba* e *cornu*, seria necessário que um dos fragmentos conservados apresentasse uma curvatura circular para o atribuímos a uma forma em «G» típica do *cornu*. No entanto, e segundo Meucci, a atribuição como *tuba* deverá ser mais correcta uma vez que estes instrumentos eram manufacturados em chapa metálica, ao contrário das embocaduras de *cornu* que eram geralmente produzidas em molde. Esta descrição afigura-se bastante plausível com base nos exemplares de embocaduras de *cornu* publicadas por Feugère (2002, p.97) e Wardle (1991, p.96, Vol.II, n.º 36, Pla. 51-52). Todas estas embocaduras obtidas por molde, mais espessas, datam dos séculos I e II d.C. e são provenientes da Gália, Bretanha e Renânia, não obstante, ainda não ter sido possível estabelecer uma evolução crono-tipológica para este tipo de objectos (Deschler-Erb 1999: 71-73). Na Península Ibérica estes objectos não se encontram documentados, no entanto, penso que seja possível afirmar que o objecto proveniente de Osuna, Sevilha (Román Punzón & allii, 2008-2009, pp.111-115) descrito como provável instrumento médico (estetoscópio), possa tratar-se do primeiro exemplar ibérico de embocadura de *cornu* obtida por molde.

Em Portugal, os exemplares de Cabeça de Vaiamonte, obtidos por forja de lâmina metálica, encontram paralelo apenas em Castelo da Lousa (Ruivo, 2010, p.510, n.º 130-131, Est.CLXVIII), onde dois fragmentos tubulares (um deles decorado com cinco conjuntos de anéis) foram publicados no catálogo de “Espólio metálico” como “*miscelânea*” e descritos como “*fragmento de tubo cilíndrico*” e “*pega(?)*” (*Ibidem*) desconhecendo-se a sua função. De qualquer forma, foi a sua representação que permitiu que os mesmos fossem agora identificados como prováveis fragmentos de instrumento musical de sopro. A ausência de número deste tipo de objectos em contextos arqueológicos romanos portugueses poderá dever-se exactamente a uma selecção dos materiais arqueológicos publicados, dado que geralmente são escolhidos para publicação, aqueles aos quais conseguimos propor uma correcta designação, deixando à mercê todos aqueles que figuram um enorme grupo de “objectos indeterminados”. Este grupo, geralmente superior no caso dos espólios metálicos dificulta em muito as leituras de conjunto aos investigadores que estudam o grupo apelidado por Michel Feugère como “*pequenos achados*”.

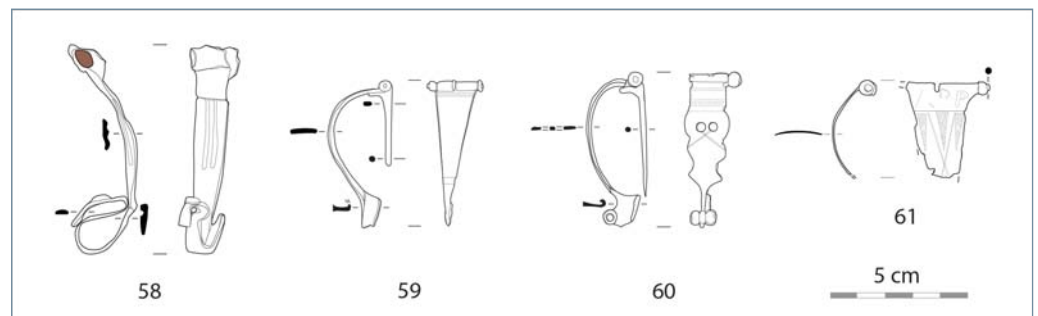


Figura 8
Fíbulas: tipo Alésia/
“charneira e arco
triangular”.

Entre Sertório e César: ocupação militarizada a dois tempos?

O sítio arqueológico de Cabeça de Vaiamonte deverá ser, como descrito por Carlos Fabião, um exemplo da utilização dos aglomerados indígenas pelos destacamentos militares romanos (Fabião, 2007, p.128). Aliás, muitas das armas que aqui foram descritas (como a falcata ou o punhal bidiscoidal) podem ser uma prova da existência de indígenas nas tropas auxiliares, pois desde o início da romanização, existem hispanos nos exércitos, bem como mercenários e *auxilia*, voluntários ou forçados (García-Gelabert, 2002, p.505).

O conjunto artefactual recuperado parece enquadrar-se na proposta de uma ocupação militar no 1.º quartel do século I a.C., e por esse motivo enquadrável no período das guerras sertorianas, encontrando notórias semelhanças com o espólio de Cáceres el Viejo (Fabião, 2007, p.130). Não obstante, esta nova análise parece revelar algum espólio, se bem que de expressão diminuta, atribuível a meados - 3.º quartel do século I a.C. e com o qual se poderia extrapolar uma continuidade na ocupação militar/ “militarizada” deste local por altura das guerras entre César e Pompeu (c. 49-45 a.C.).

Esta hipótese surge sustentada pela presença do capacete de tipo *Buggenum*, datado genericamente de meados do século I a.C., e que havia sido recolhido fortuitamente no sopé do cabeço. Se bem que este capacete aparece num provável contexto ritual junto a um curso de água, a verdade é que no contexto das escavações foram recuperadas duas ponteiras de capacete atribuíveis a esta mesma tipologia. Para além destes dados há ainda que considerar: a possível inscrição no projectil de funda associada à *Legio X Equestris* (61-45 a.C.), algumas fíbulas de tipo *Nauheim* de produção gálica entre 75 e 10 a.C., cinco fíbulas de tipo *Alèsia* (Ponte, 1985, pp.146-147, n.º 75-79; Fig.8) datadas entre 60 e 20 a.C. (Feugère, 1985, p.306), os dois asses de *Cneus Magnus Imperator* e outros dois asses de *Lépida/ Celsa* em cunhagem bilingue atribuída aos pompeianos.

Para além das evidentes semelhanças do conjunto de armas recuperado em Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984) e datado do período das guerras sertorianas, também o armamento de Castelo da Lousa (Galamba, 2008; Ruivo, 2010) oferece algumas semelhanças. Não obstante, neste último não terem sido recuperados quer falcatas, quer punhais bidiscoidais (que são as principais ausências em contextos cesarianos), a verdade é que o carácter militar/ “militarizado” em período tardo-republicano parece evidenciado tanto pelo espólio depositado no Museu de Évora (Galamba 2008: 24-27) como naquele que foi exumado nas escavações mais recentes (Ruivo 2010), e que integra: pontas de seta com espessamento central, ponta de lança com aresta, contos de lança, pontas de seta de espessamento central, dardo incendiário, *glandes plumbeae*, um *pilum* e um projectil de artilharia de torção. Tanto este projectil de artilharia de torção, que foi erroneamente descrito como “*ponta de lança*” (Galamba, 2008, p.27) como o *pilum*, o dardo incendiário ou o conjunto de projecteis de funda favorece a hipótese da presença de um contingente militar romano extra-peninsular. A presença deste armamento, em especial do projectil de artilharia de torção, do dardo incendiário e das *glandes plumbeae*, contraria a teoria de que estas armas “*não sejam necessariamente de uso militar*” (Ruivo, 2010, p.481) uma vez que este tipo de armamento é reconhecido como indicador da presença de tropas romanas ou auxiliares não-hispanas (Quesada, 2008, p.17). A recolha de um denário de César e de um asse de Lépida/ Celsa no interior do edifício central do Castelo da Lousa poderá apontar para um momento contemporâneo, ou ligeiramente posterior à guerra civil cesariana, uma vez que o abandono do local ocorre entre o último quartel do século I a.C. e o período augustano (Fabião, 2007, p.121).

No caso de Cabeça de Vaiamonte, o abandono do local no 1.º quartel do século I a.C.

parece evidenciado pelo conjunto artefactual que não assiste a um carácter de continuidade, reflectido, por exemplo, na ausência de *terra sigillata* itálica. Não obstante, foi agora possível atribuir uma cronologia ligeiramente mais tardia a alguns dos artefactos metálicos que compõem este conjunto. Apesar do seu número inexpressivo, não podemos ignorar a sua existência, pelo que poderemos tecer parcas teorias acerca da sua presença.

Cabeça de Vaiamonte enquanto povoado indígena apresenta traços precoces de «romanização» (Fabião, 1998, p.201-202) que parecem fortemente relacionáveis com o contingente militar romano que ali esteve estacionado com um carácter pelo menos “semi-permanente”, a julgar pela quantidade de espólio recuperado e associado a uma função militar. Não obstante, o local é abandonado em momento contemporâneo ou ligeiramente posterior às guerras sertorianas. Infelizmente a ausência de contextos estratigráficos não nos permite aferir se este abandono estará relacionado com o período de instabilidade política espelhado numa efectiva acção bélica de ataque ao povoado, ou se após este período conturbado e a desmobilização das tropas, aquela comunidade foi efectivamente romanizada e pode “refundar-se” em outro local. De qualquer modo, aquilo que é válido quer para os conflitos de Sertório, quer para os conflitos de César e Pompeu, é que Cabeça de Vaiamonte surge na rota de passagem dos contingentes militares do século I a.C.

Retomando a proposta de Carlos Fabião (1998, p.204), a continuidade de ocupação deste espaço em época romano-republicana em cronologia posterior ao 1.º quartel do século I a.C. reflecte uma frequência esporádica e de curta duração que se poderá dever a diversos factores. Uma das possibilidades é o da presença circunstancial de tropas romanas em trânsito por altura dos conflitos cesarianos, o que justificaria a presença dos numismas já referidos, do projectil de funda com a possível relação à *Legio X Equestris* e também do lote de fibulas de tipo *Alèsia*. Outra possibilidade, já avançada pelo mesmo investigador (*Ibidem*, pp.194-199) é a de este local ter sido um local de culto, o que justificaria a continuidade cultural e algumas deposições tardias como a do capacete de tipo *Buggenum*.

BIBLIOGRAFIA:

- ALARCÃO, J. de; ETIENNE, R.; ALARCÃO, A.; PONTE, S. de (1979)** – *Fouilles de Conimbriga VII - Trouvailles diverses, conclusions générales*. Paris.
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C. (2010)** – Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época Romano-Republicana. Actas do 7.º Congresso de Arqueologia do Algarve. *XELB*, 10.
- BISHOP, M.C.; COULSTON, J.C.N. (1993)** – *Roman Military Equipment. From the Punic Wars to the Fall of Rome*. Londres.
- CONNOLLY, Peter (1998)** – *Greece and Rome at war*. Londres: Greenhill Books.
- DESCHLER-ERB, Eckhard (1999)** – *Ad Arma ! Römisches Militär des I. Jahrhunderts n. Chr. in Augusta Raurica*. Augst: (Forschungen in Augst, 28).
- FABIÃO, C. (1998)** – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [texto policopiado]. Lisboa.
- FABIÃO, C. (2007)** – El ejército romano en Portugal. In MORILLO, José Ángel, ed. - *El Ejército Romano en Hispania (Guía Arqueológica)*. León: pp.113-134.
- FERNÁNDEZ VEGA, P. Á.; BOLADO DEL CASTILLO, R.; CALLEJO GÓMEZ, J. e MANTECÓN CALLEJO, L. (2012)** – El castro de Las Rabas (Cervatos, Cantabria) y las Guerras Cántabras: resultados de las intervenciones arqueológicas de 2009 y 2010. *Munibe (Antropología-Arqueología)*. San Sebastián, 63, p.213-253.
- FERNÁNDEZ IBAÑEZ, C. (2005)** – Objetos metálicos del asentamiento militar romano de Herrera de Pisuerga (Palencia). Excavaciones de A. García y Bellido (1960-61). In BENDALA, Manuel & alli (eds.) – *La Arqueología Clásica Peninsular. Ante el terceiro milénio, en el centenario de A.García Bellido. Anejos de AEspA, XXXIV*. Madrid 2005.
- FEUGÈRE, M. (1985)** – *Les fibules en Gaule méridionale, de la conquête à la fin du Ve siècle ap. J.-C.* (suppl. 12 à la Rev. Arch. Narb.). Paris, Ed. CNRS.
- FEUGÈRE, M. (2002)** – Militaria de Gaule Méridionale, 19. Le mobilier militaire romain dans le Département de L'Hérault (F). *Gladius*. Madrid. XXII, p.73-126.
- FORT, B. (2009)** – Chapitre 7: Le matériel métallique. In REDDÉ, M., dir. - *Oedenburg, Volume I. Les camps militaires julio-claudiens*. Mainz: RGZM Forschungsinstitut für Vor- und Frühgeschichte (Monographien des Römisch-Germanischen Zentralmuseums. Band 79/1), p.255-304.
- GALAMBA, U.F. (2008)** – A coleção de armas do Museu de Évora. *Cenáculo*. Évora, 3 pp.3-46.
<http://museudevora.imc-ip.pt/Data/Documents/Cenaculo3/B3Armas20008parte1.pdf>
- GARCÉS ESTALLO, I. (2007)** – El empleo del roncal caballar en el Norte del Ebro durante da Edad del Hierro y la Época Ibérica. *Gladius*. Madrid, XXVII, p.67-84.
- GARCÍA-GELABERT, M.ª Paz (2002)** – El armamento y las tropas auxiliares hispanas en los ejércitos romanos de la República”. In MORILLO CERDÁN, A. (ed.) - *Anejos de Gladius (I Congreso de Arqueología Militar Romana en Hispania, Segovia, 1998)*. Madrid, p.503-509.
- GARCÍA JIMÉNEZ, G. (2011)** – El Armamento de influencia La Tène en la Península Ibérica (siglos V-I a.C.). Girona.
- GARCÍA-MAURIÑO, J. (1993)** – “Los cascos de tipo Montefortino en la Península Ibérica. Aproximación al estudio del armamento en la Segunda Edad del Hierro”. *Complutum*. Madrid. 4, p.95-146.
- GOLDSWORTHY, A. (2003)** – *The complete Roman Army*. Londres: Thames & Hudson.
- GUERRA, A. (1987)** – Acerca dos projecteis para funda da Lomba do Canho (Arganil). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 5, p.161-177.
- KAVANAGH DE PRADO, E. (2008)** – El puñal bidiscoidal peninsular: tipología y relación com el puñal militar romano (pugio). *Gladius*. Madrid, XXVIII, p.5-85.
- KEPPIE, L. (1998)** – *The Making of the Roman Army. From Republic to Empire*. Londres: Routledge .

- LUIK, M. (2002)** - *Die Funde aus den Römischen Lagern um Numantia in Römisch-Germanischen Zentralmuseum*. Mainz.
- MEUCCI, R. (1989)** - Roman Military Instruments and the Lituus. *The Galpin Society Journal*, Vol. 42 (Aug., 1989), p. 85-97.
- MORILLO CERDÁN, J. Á. (2008)** - Criterios arqueológicos de identificación de los campamentos romanos en Hispania. *Saldvie: Estudios de prehistoria y arqueología*. Zaragoza. 8, p.73-93.
- PERALTA LABRADOR, E.; HIERRO GÁRATE, J. Á. e GUTIÉRREZ CUENCA, E. (2011)** - Las monedas de los campamentos romanos de campaña de las guerras cántabras del asedio de La Loma, Castillejo y El Alambre. *Lvcentvm*. XXX, p.151-172.
- PEREIRA, T. (No prelo)** - As armas na romanização: o exemplo de Cabeça de Vaiamonte (Monforte/ Portugal). *Actas do VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Villafranca de los Barros.
- PEREIRA, T.; SOUSA, E. de; ALVES, C. (No prelo)** - A Roman Republican Context on the outside area of Monte Molião (Lagos). *Actas do XVIII Congreso Internacional de Arqueología Clásica*. Mérida.
- PIMENTA, J. (2013)** - *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- PIMENTA, J. (2013a)** - O escudo romano de Monte dos Castelinhos. *In Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 43-46.
- PIMENTA, J.; HENRIQUES, E.; MENDES, H. (2012)** - *O Acampamento romano de Alto dos Cacos – Almeirim*. Associação de Defesa do património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (No prelo)** - Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. Um sítio singular para o estudo da romanização do Vale do Tejo. *In Actas da II Reunião Científica As Paisagens da Romanização – Fortins e ocupação do território no séc. II a.C. – I d. C.* Anejos de Archivo Español de Arqueología
- PONTE, S. da (1985)** - Fibulas de Vaiamonte (Monforte). In HOZ, Javier (ed.) - *Actas del III Coloquio sobre Lengas y culturas paleohispanicas*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- PINA POLO, F. e ZANIER, W. (2006)** - Glandes *inscriptae* procedentes de la Hispania Ulterior. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 79, p.29-50.
- QUESADA SANZ, F. (1997a)** - *El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI-I a.C.)*. Montagnac: Éditions Monique Mergoil.
- QUESADA SANZ, F. (1997b)** - Montefortino type and related helmets in the Iberian Peninsula: a study in archaeological context. In FEUGÈRE, M., ed. - *Journal of Roman Military equipment studies 8 (L'équipement militaire et l'armement de la République, IVe-Ier s. avant J.-C.)*, p.151-166.
- QUESADA SANZ, F. (2005)** - El gobierno del caballo montado en la antigüedad clásica con especial referencia al caso de iberia. bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. *Gladius*. Madrid, XXV, p.97-150.
- QUESADA SANZ, F. (2008)** - Armamento romano e ibérico em Urso (Osuna): testimonio de uma época. *Cuadernos de los amigos de los Museos de Osuna*. 10, p.13-19.
- ROMÁN PUNZÓN, J. M.; RUIZ CECÍLIA, J. I.; MANCILLA CABELLO, M. I.; JOFRE SERRA, C. A.; RIVAS ANTEQUERA, M. J. (2008-2009)** - La colección de instrumentos médicos de época romana del Museo Arqueológico de Osuna (Sevilla). *CVDAS*, 9-10. Asociación Cultural *Cvds*, p.99-118.
- ROST, A. e WILBERS-ROST, S. (2010)** - Weapons at the battlefield of Kalkriese. *Gladius*. Madrid. XXX, p.117-136.
- RUIVO, J. (2010)** - Capítulo 7.9 – Espólio metálico. In Alarcão, J., Carvalho, P., Gonçalves, A. (coord.) - *Castelo da Lousa: intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida: (Studia Lusitana, 5), p. 481-517.
- SILVA, J. L. da (1952)** - Relatório das escavações na Herdade da Torre de Palma, Monforte (Alentejo). Arquivo Pessoal Manuel Heleno/ MNA.

- SILVA, J. L. da (1953)** – Relatório das Escavações Arqueológicas na Villa Lusitano-Romana. Herdade de Torre de Palma e no Cabeço de Vaiamonte; Concelho de Monforte; Distrito de Portalegre. Arquivo Pessoal Manuel Heleno/ MNA.
- SILVA, J. L. da (1954)** – Relatório das Escavações na Herdade de Torre de Palma, Cabeço de Vaiamonte, Cemitério do Pombal. Arquivo Pessoal Manuel Heleno/ MNA.
- SILVA, J. L. da (1955)** – Relatório das Escavações na Herdade de Torre de Palma, Cabeço de Vaiamonte e Monte do Pombal. Arquivo Pessoal Manuel Heleno/ MNA.
- SILVA, J. L. da (1956)** – Escavações na Cabeça de Vaiamonte (Alentejo.) Arquivo Pessoal Manuel Heleno/ MNA.
- SILVA, J. L. da (1957)** – Relatório das Escavações na Cabeça de Vaiamonte (Alentejo). Arquivo Pessoal Manuel Heleno/ MNA.
- SILVA, J. L. da (1958)** – [Escavações] na Cabeça de Vaiamonte (Alentejo). Arquivo Pessoal Manuel Heleno/ MNA.
- SILVA, J. L. da (s/data)** – Inventário de materiais de Torre de Palma. Arquivo Pessoal Manuel Heleno/ MNA.
- THOMPSON, H. (1993)** – Iron Age and roman slave-shackles. *Archeological Journal*, 150, pp.57-168.
- ULBERT, G. (1984)** – *Cáceres el Viejo. Ein spätrepublikanisches Legionlager in Spanisch-Extremadura*. Mainz am Rhein: Madrider Beitrage 11.
- VASCONCELOS, J. L. de (1929)** – Antiquidades do Alentejo X. Cabeça de Vaiamonte. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Serie I, 28, p.183-185.
- WARDLE, M. A. (1981)** – *Musical instruments in the Roman World*. Tese de doutoramento [texto policopiado]. Faculty of Arts University of London- Institute of Archaeology. Londres.

NOTAS

- ¹ Bolseira de Doutoramento FCT/UNIARQ